

JUMA



PESQUISA JUVENTUDES, MEIO AMBIENTE

E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

REALIZAÇÃO

Em Movimento

Mathaus Torres
Michely Ribeiro
Larissa Fontana
Camila Vaz
Camila Ribeiro
Gabriella Maduã
Taina Silva Santos
Mariana Resegue

GT de Juventudes da Rede Concertação pela Amazônia

Waleska Queiroz
Odenilze Ramos

Rede Conhecimento Social

Marisa Villi
Harika Maia
Igor Andrade
Karina Ernane
Emilly Carvalho

Engajamundo

Ana Rosa Cyrus

Instituto Ayika

Aíla Marinho
Marcelo Rocha

Impressão Pigma Gráfica

Design: Camila Ribeiro
Produção: Gabriella Maduã
Redatora das histórias de vida: Luiza Ferreira
Revisão: Camila Vaz, Mathaus Torres e Marisa Villi

Fotografias

Larissa Martins - Amazônia
Fernanda Leal - Caatinga
Matheus Alves - Cerrado
Janaina Rodrigues da Silva - Mata Atlântica
Rafael Bittencourt - Pampa
Luiz Claudio Leite - Pantanal

PUBLICAÇÃO SÃO PAULO-SP, 2023

SUMÁRIO

- 04** INTRODUÇÃO
- 05** QUEM SOMOS?
- 06** QUEM SÃO AS JUVENTUDES DOS BIOMAS BRASILEIROS?
- 07** AMAZÔNIA
- 11** CAATINGA
- 15** CERRADO
- 19** MATA ATLÂNTICA
- 25** PAMPA
- 30** PANTANAL
- 34** O QUE APRENDEMOS COM A JUMA?

O QUE É A JUMA?

A pesquisa Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (JUMA) veio para mapear como as juventudes brasileiras serão impactadas pelas mudanças climáticas e, também, como essa população jovem têm percebido essas transformações.

O Brasil é uma das localidades com maior biodiversidade do mundo, contando com 6 biomas, sendo um deles exclusivamente brasileiro, a caatinga. Por isso, trazemos informações que possam mostrar o envolvimento e a mobilização de jovens de diversas regiões do Brasil.

A ideia aqui é contribuir com a formulação de políticas públicas que colaborem para a redução dos danos provocados pela degradação do meio ambiente, garantir um desenvolvimento sustentável que inclua todas as juventudes do Brasil e desenvolver orientações para uma recuperação sustentável e para o enfrentamento das desigualdades sociais potencializadas pela pandemia.



QUEM SOMOS?

A JUMA é feita pelas juventudes! São 4 instituições parceiras com profissionais jovens de diversas regiões do Brasil: Em Movimento, Rede Conhecimento Social, Engajamundo, Instituto Ayíka, GT de juventudes da rede Uma concertação pela Amazônia.

REALIZAÇÃO

EM MOVIMENTO



O Em Movimento é uma aliança de organizações que, com base em evidências, atua de forma colaborativa e intersetorial com a missão de apoiar a garantia de direitos e o pleno desenvolvimento das juventudes.

REDE DE CONHECIMENTO SOCIAL



A Rede Conhecimento Social é uma organização sem fins lucrativos que promove a construção compartilhada de conhecimento, conectando pessoas, grupos e organizações, para gerar mobilização, transformação e participação social.

PARCERIA

ENGAJAMUNDO



O Engajamundo é uma organização sem fins lucrativos liderada por jovens, que atua nacionalmente pelo entendimento das juventudes como parte fundamental na construção de processos de mudanças e no enfrentamento dos desafios socioambientais.

INSTITUTO AYÍKA



O Instituto Ayíka é uma ONG que surge da necessidade de integrar a juventude ao debate sobre mudanças climáticas, sustentando-se sobre pilares de interseccionalidade de raça, território, gênero e pessoas de grupos socialmente marginalizados.

GRUPO DE TRABALHO DE JUVENTUDES

GT DE JUVENTUDES DA REDE
"UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA"

O Grupo de Trabalho de Juventudes busca ouvir, inserir e representar as diferentes vozes das juventudes nas discussões relacionadas ao presente e ao futuro da Amazônia. Também fomenta esse espaço como um ambiente de articulação e empoderamento das diferentes juventudes, com potencial de capilaridade em todo território amazônico, e atua de forma transversal, consultiva e construtiva em todas as frentes de atuação da iniciativa.



QUEM SÃO AS

JUVENTUDES

DOS BIOMAS

BRASILEIROS?



AMAZÔNIA

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DA AMAZÔNIA?

81%

81% das juventudes da Amazônia acreditam que indígenas e outras comunidades tradicionais colaboram para a preservação do meio ambiente; e **23%** consideram que a demarcação de terras dos povos tradicionais é uma das questões mais importantes para a região onde moram.

43%

A questão do desmatamento e das queimadas é um dos temas mais importante para **43%** dos jovens da Amazônia.

20%

Para **20%** desses jovens as mudanças climáticas estão associadas ao desmatamento das florestas; e **65%** acreditam que, por isso, incêndios florestais estão acontecendo com maior frequência.

38%

Se fossem governantes, **38%** dos jovens amazônidas apontam como prioridade ampliar políticas de preservação ambiental, mas apenas **7%** apontam promover a demarcação ou titulação de terras indígenas e quilombolas.

THALITA SILVA, MANAUS - AM

BIOMA AMAZÔNIA

RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO ORIGINÁRIO NO ENFRENTAMENTO DO ‘FIM DO MUNDO’

“Sempre me questiono quando é que vão nos levar em consideração nesse debate?”



Thalita Silva tem 25 anos e passou a maior parte deles convivendo com a diversidade do bioma Amazônico. Nascida na zona leste de Manaus, ela foi criada pelos avós maternos Dona Sandra Francisca e Seu Hélio Portela, que ela faz questão de enfatizar:

“Para falar de quem sou também preciso dizer de onde venho e quem trago comigo”, diz.

Bióloga e técnica ambiental de formação, Thalita compõe a juventude negra engajada no enfrentamento dos problemas ambientais e sociais do Brasil e do mundo, passou os últimos 4 anos atuando como Diretora Executiva no Engajamundo, com foco nos eixos de Comunidade, Educação, Segurança para jovens da Amazônia urbana e de comunidade tradicional.

Thalita conta como a sua relação com o seu bioma de origem foi se estabelecendo ao longo do tempo, surgindo a partir do momento em que ela se entendeu enquanto amazônida.

“A gente que nasce no Norte do Brasil, tem uma grande dificuldade de identificação, resquícios direto do processo de colonização, que está em curso até hoje, nunca acabou, por vezes sentimentos vergonha de assumir nossa identidade”, diz. Para ela, esse foi um processo individual muito lento, e essa aproximação com o bioma só aconteceu quando ela passou a entender a própria história, do seu povo e de tudo que atravessa a existência dos povos da região.

Para Thalita, falar de seu território é falar da Amazônia urbana e periférica que ainda é pouco conhecida. Para ela, quem é de fora tem uma visão muito distorcida de como é viver no Norte. “É sempre baseado no verde, bicho e no indígena, e até mesmo os parentes indígenas são vistos da forma mais estereotipada possível, é apagada a grande diversidade de povos, como quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, a população LGBTQIA+, presentes nesse territórios”, comenta. O que interfere inclusive no olhar dos que nasceram e cresceram na Amazônia:

“Essa mesma visão também é compartilhada por muito dos nossos que nasceram e vivem aqui, reflexo do apagamento da nossa história, da invasão e do genocídio dos nossos ancestrais”, enfatiza.

A bióloga ainda se lembra de um retrato comum na infância: a falta de água, e conta que sempre esperava o carro pipa chegar para encher os baldes e as garrafas. “Até hoje não temos tratamento de esgoto, ainda sofremos com a falta de saneamento básico, com ônibus sucateados e as várias outras problemáticas”, diz. A educação e a inquietação da jovem despertaram a preocupação com o que está em sua volta. Um ponto fora da curva para o amazonense mais pobre, que está muito ocupado com a própria sobrevivência e em pôr o pão na mesa, e não tem tempo de pensar a sua relação com o bioma.

“Comecei a fazer perguntas simples: como pode a gente morar na maior bacia hidrográfica do mundo e não ter água em casa?”, diz. Embora se sentisse incapaz de mudar a realidade sozinha, a indignação serviu de combustível para o que viria a seguir. Em 2017, Thalita conheceu o Engajamundo através de uma reprise de um programa de televisão (Altas Horas), e desde então o projeto esteve presente em sua vida como um lugar essencial para formar a jovem cidadã que ela se tornou.

“Enquanto juventude somos tratados como seres incapazes e não pensantes, tratados apenas como mão de obra, no *Engaja* foi o primeiro lugar onde me senti pertencente e capaz de fazer algo para mudar minha realidade e não me sentir sozinha nesse processo”, revela.

Foi também no Engajamundo a primeira vez que ela ouviu falar sobre mudanças climáticas, podendo entender anos depois que tudo o que ela vivencia em sua vida é conhecido como “racismo ambiental”, expressão que ilustra a distribuição desigual dos impactos

ambientais entre a população, onde as minorias étnicas e populações marginalizadas historicamente são as que mais sofrem com a poluição e degradação ambiental.

Através da sua atuação enquanto liderança jovem no Engajamundo, ela teve a oportunidade de participar da COP 24 na Polônia e da COP 27, que aconteceu em 2022, no Egito. Oportunidade essa que fez Thalita refletir mais ainda sobre a distância social que existe entre os brasileiros. “Não falar inglês dentro desses espaços é quase como criar um muro, hoje tenho consciência que quem teve o privilégio de aprender uma segunda língua quando criança, geralmente não são pessoas iguais a mim, até porque muitas das vezes nem professor eu tinha em sala de aula”, ressalta.

Ela conta que há alguns anos não imaginava que espaços como a COP existiam, nem que as decisões tomadas ali influenciariam diretamente no seu presente e no seu futuro. Para ela, muitas dessas decisões importantes são tomadas por pessoas geralmente brancas e ricas que jamais sofrerão os impactos da mesma forma que ela e que as populações mais vulneráveis estão vivenciando, pois provavelmente não estarão aqui para ver isso acontecer, o que revela outro problema: a ausência do espaço da juventude nas tomadas de decisões. “É triste ver o quanto o debate climático é protagonizado por pessoas que não tem lugar de fala, isso é muito injusto”, lamenta.

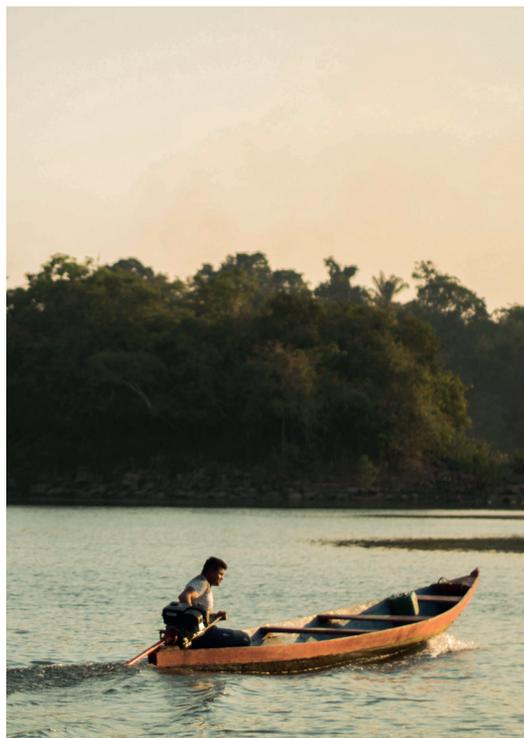
Thalita vê com tristeza os avanços das mudanças climáticas e da exploração da natureza, e sofre com o peso de fazer parte da última geração capaz de frear a crise do clima e de ver o adoecimento das populações cada vez mais perto. Ela conta que para falar das angústias psicológicas fruto das mudanças climáticas, surgem cada vez mais novos termos que pretendem dar conta do problema, como “ecoansiedade”, uma espécie de

estresse causado por notícias sobre a crise ambiental.

“Sempre me questiono quando é que vão nos levar em consideração nesse debate? As periferias, os povos tradicionais, os povos originários, todos nós que no sangue e na raça através de muita resiliência estamos há anos criando nossas tecnologias na base, mas nossos saberes são invalidados por diversas vezes”, ressalta.

Para Thalita, é preciso transformar as populações marginalizadas e os povos originários nos protagonistas do “enfrentamento ao fim do mundo”, e entender que não há mais tempo para debater a questão ambiental sem levar em consideração as pessoas e sem entender a crise climática como direitos humanos.

“Precisamos da garantia e resguardo de todas as formas de vida, de todos os biomas, para assim conseguir viver o bem-viver. Precisamos do fortalecimento da base, dos órgãos de proteção, de monitoramento e de enfrentamento aos desmontes ambientais, precisamos mais que nunca entender que essa luta é coletiva, e só será possível através de muitas mãos”, completa.



FOTOGRAFIA:

Larissa Martins, 25 anos, formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas, fotojornalista independente na Amazônia há 6 anos, busca com o seu trabalho ampliar a veiculação de informação, principalmente histórias de pessoas e situações que estão fora das pautas das grandes mídias, observando sua relação entre a urbanização e a natureza.

Conheça mais: @larissa.mrtns



CAATINGA

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DA CAATINGA?

88%

88% deles falam sobre meio ambiente com amigos e **51%** costumam debater sobre meio ambiente em coletivos (políticos, sociais, culturais etc.).

69%

69% das juventudes da Caatinga participam de discussões sobre meio ambiente em seu dia a dia.

66%

66% das juventudes da Caatinga dizem que o meio ambiente tem relação com sua religião ou filosofia de vida.

59%

59% participam de movimentos, ações ou projetos sobre causas ambientais.

24%

Quando se fala em mudanças climáticas, **24%** das juventudes da Caatinga pensam em seca prolongada e **16%** em extinção de animais e plantas.

14%

14% de jovens desse bioma apontam como prioridades para o futuro a promoção de intercâmbio entre grupos de diferentes regiões.

MARIA WEYSIANNE SOUSA

BORGES, FORTALEZA - CE

BIOMA CAATINGA

A EDUCAÇÃO COMO POTÊNCIA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E DA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

“É preciso respeitar o conhecimento territorial, seja ele acadêmico, científico ou tradições compartilhadas de forma oral.”



Educadora popular e moradora do bairro Bom Jardim, uma das periferias de Fortaleza, no estado do Ceará, localizada no único bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga, Maria Weysianne é uma pesquisadora das juventudes, práticas psicológicas e políticas públicas.

Maria cursa Psicologia no Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7) de Fortaleza, e foi dentro da faculdade que sentiu a necessidade de “ir além dos muros da organização”. Foi assim que ela foi se envolvendo com a sua própria comunidade de forma ativa, realizando ações de autocuidado e empreendedorismo com mulheres e adolescentes, além de ações de campanha educativa com crianças e contra o abuso infantil.

“O meu caminhar acadêmico despertou em mim o esperar que o Paulo Freire fala, sobre levantar-se, ir atrás, construir e não desistir”, conta. Nessa experiência de desenvolver uma liderança comunitária, através da formação de grupos e da educação popular que Maria foi construindo pontes de comunicação com as pessoas, aperfeiçoando uma escuta mais empática, para entender o que está por trás do sofrimento psíquico das pessoas ao notar os marcadores sociais que denotam os seus contextos.

Diferente do que muitos podem pensar sobre o que é viver na Caatinga, Maria mora em uma área urbana e periférica da capital do Ceará, em uma região que possui uma das menores porcentagens do Índice de Desenvolvimento Humano, “um território de resistência”, como ela mesmo enfatiza.

A Caatinga é presente em diferentes estados nordestinos, mas é no Ceará que ela exerce todo o seu potencial, ocupando a maior parte do território: são 88% da vegetação do Estado. “Fortaleza é diversa, em outros lugares podemos ter contato com mangues, lagoas, dunas,

rios, diversos fenômenos que surgem a partir do bioma da Caatinga. Ainda dentro do nosso bioma, temos as serras”, diz.

Maria conta ainda que seu bairro, por estar localizado em uma região marginalizada, não recebe a atenção do governo para implementação de políticas públicas ambientais, e que costuma visitar esses outros espaços como forma de se conectar com as simbologias ancestrais de valorização da natureza.

“Quando criança meu pai contava histórias de sua infância na cidade de Canindé que está localizada no interior do Ceará, e quando olhava em seus olhos era possível notar a importância que ele atribuía ao fato de ter uma relação com a comunidade em que moramos no Bom Jardim”, revela. Era na garupa de uma bicicleta cargueira que ela acompanhava o pai nas visitas aos espaços que frequentava, e assim conheceu a história de muitas pessoas e do atravessamento do espaço na vida delas.

Maria reconhece nesse processo o desenvolvimento da escuta ativa das pessoas à sua volta, observando desde pequena como elas são constantemente atravessadas pelo território em que estão inseridas e como se organizam a partir disso.

“Compartilhavam a memória fotográfica que possuíam do território quando jogavam bola, quando lavavam roupas na beira do rio, espaços que foram alterados com o tempo pela intervenção humana”, diz. Foi nesse movimento de reconhecimento da cidade que ela identificou a existência das diferenças territoriais e passou a se indignar com a falta de políticas públicas ambientais no seu bairro de origem.

Dentro de casa, ela aprendeu que é possível a “existência sem ferir, seja outro ser humano ou o ambiente” em que habita. Na escola, os

ensinamentos foram reforçados e ela ganhou consciência da pluralidade das regiões e sua biodiversidade.

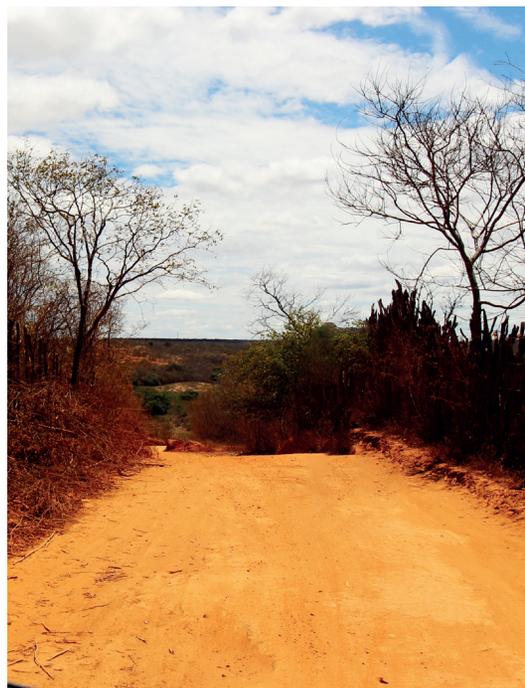
Toda a sua riqueza e importância ecológica da Caatinga contrasta com os cerca de 40 mil km² que já foram degradados e transformados em quase desertos, fruto da exploração do solo. Maria se indigna ao contar que pelo menos 30% das espécies encontradas no bioma estão em processo de extinção e destaca:

“A qualidade de vida de populações que vivem e trabalham próximas de rios, lagoas e mares possuem suas vidas atravessadas por obras que realizam intervenção negligente no meio ambiente em prol de lucro”, diz. Além disso, outras populações estão afastadas das fontes de água e sofrem com as queimadas que dificultam a utilização da terra para cultivo. Para Maria, esse desequilíbrio ambiental impacta direta e indiretamente todos os cearenses, trazendo consequências emocionais e financeiras devastadoras.

E mesmo com toda a exploração ambiental, ela se impressiona com a capacidade da natureza de criar suas próprias estratégias de sobrevivência.

A educadora acredita que o conhecimento das pessoas que vivem no território pode colaborar para a criação de estratégias que respeitem a singularidade do ambiente e a vida daqueles que estão compartilhando esse meio. Desde a nomeação de pessoas comprometidas com a causa como responsáveis por ações estratégicas, a inclusão de conhecimento sobre os povos originários e suas práticas de preservação da natureza na educação básica até mesmo desenvolver ações no ensino médio que coloquem o cuidado do território na mão dos alunos, de forma a motivar o pensamento crítico e o protagonismo juvenil.

Todas essas ações propostas por Maria dependem do acesso das pessoas a informações que potencializam a transformação social. “A partir do momento que comecei a me engajar em movimentos que promovem o protagonismo juvenil dentro das questões ambientais, percebo que as informações não chegam em todo canto e nem para todas as pessoas, principalmente a juventude periférica”, reforça.



FOTOGRAFIA:

Fernanda Leal é fotógrafa profissional desde 2013. Participou da Residência em Fotografia durante a Bienal Internacional de Dança no Ceará, acompanha os trabalhos da Cia Vatá desde 2013, desde a concepção à estreia. Além disso, possui trabalhos autorais, como uma releitura imagética da obra literária “Água Viva”, de Clarice Lispector, publicado na Revista Subversa, além de outros como “À Deriva”, que teve uma de suas imagens exposta em Rotterdam, através do Festival Foto em Pauta, em janeiro de 2022. Integrou exposições coletivas e individuais em Fortaleza, no Teatro José de Alencar, Sesc e Centro Cultural Bom Jardim. Fernanda é cearense, jornalista, especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina e cursou produção audiovisual pela Incartaz Filmes em 2018, no Rio de Janeiro. Nesse momento, atua como fotógrafa na Agência Econordeste.

Conheça mais: @fernandaleal_foto

A large waterfall cascades over dark, jagged rocks in a lush, green environment. The sky is filled with white, fluffy clouds, and the overall scene is bright and natural.

CERRADO

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DO CERRADO?

85%

85% das juventudes do Cerrado separa o lixo para reciclagem e **91%** reutilizam ou reaproveitam materiais em seu dia a dia.

52%

52% deles acreditam que reciclagem e gestão de lixo é o tema mais importante onde moram.

85%

85% dos jovens desse bioma costumam conversar, mesmo que de vez em quando, sobre meio ambiente na escola ou universidade.

63%

63% das juventudes do Cerrado conhecem o termo “desenvolvimento sustentável” e sabem exatamente o que ele significa.

61%

Se fossem governantes, **61%** de jovens do Cerrado investiriam em fontes de energia alternativa; **33%** investiriam em ciência, pesquisa e tecnologias; **31%** incentivariam empresas a mudarem seus formatos de produção.

RAMONA JUCÁ,

TAGUATINGA - DF

BIOMA CERRADO

TERRA CUIDADA É MENTE NUTRIDA - UMA LUTA ANCESTRAL NO CORAÇÃO DO BRASIL

“Cuidar, preservar, plantar, colher e se alimentar.”



Ramona Jucá tem 23 anos e é natural de Taguatinga, no Distrito Federal. Moradora da Ocupação Urbana e Cultural Mercado Sul Vive, território carregado de muita luta urbana e de reinvenções culturais no Cerrado brasileiro, Romana é indígena do Povo Potiguara Ibirapi, das raízes do município Ceará-Mirim no estado do Rio Grande do Norte.

Ramona é formada em audiovisual pelo Instituto Federal de Brasília e atua como “ativista da tecnologia, arte & da cultura ancestral na perspectiva do cinema de guerrilha”, como ela mesmo comenta.

Hoje multiartista, maquiadora, dançarina, compositora e modelo, Ramona e sua família sempre viveram da terra, conexão que posteriormente resgatou através da arte, onde o seu bioma originário se transformou em uma referência de estilo de vida, pinturas, rimas e cenários.

“Mainha sempre plantou e por poucas condições sempre nos alimentamos das suas plantações, de seu trabalho e do que ganhava das pessoas. Nunca parei pra pensar nessa diversidade que temos na nossa Brasília de barro vermelho”, diz. Foi apenas quando ganhou idade que ela começou a entender a importância do ambiente a sua volta na composição da sua própria história.

Com o seu bioma de origem, ela sempre compartilhou uma relação particular: “O Cerrado sempre esteve presente na minha vida, e assim como o tronco de suas árvores, sempre fui torta e nunca me encaixei num padrão do que é belo, pra algumas pessoas o cerrado é feio, mais pra mim o cerrado é vida, banhado de nascentes e cachoeiras me lavo e me reconecto com esse bioma tão diverso cheio de flores e frutos”, diz.

Como o segundo maior bioma da América do Sul e do Brasil, o Cerrado é reconhecido como

a savana mais diversa do mundo, e atualmente cobre cerca de 22% do território brasileiro. Mesmo com tamanha biodiversidade, seu visual único ainda é visto com desdém pelos que desconhecem a sua importância.

Para Ramona, reconhecer a biodiversidade ao seu redor foi um processo extenso de amadurecimento, onde no fim entendeu a necessidade da valorização do Cerrado. “Três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul estão aqui, onde está a mãe das águas doces, que mata a sede e hidrata o solo. Devido ao clima seco o cerrado facilmente pega fogo, onde desastres ambientais infelizmente são comuns em tempos de seca e com uma grande participação do agronegócio”, enfatiza.

Para a ativista, a luta dos povos originários está na raiz da preservação do seu bioma. “Sou corpo e território, na luta dos povos originários somos um só, preservar a natureza é preservar a saúde, desse corpo que vive nela. Observar o Cerrado é como olhar pra dentro de mim e ver todas minhas potencialidades e vulnerabilidades”, diz.

Ela acredita ainda que a luta por uma vida com qualidade só é possível se existir uma contribuição real com a conservação da região, seja ela proveniente das forças governamentais ou das populações locais. “Cuidar, preservar, plantar, colher e se alimentar. Terra cuidada é mente nutrida”, acrescenta.

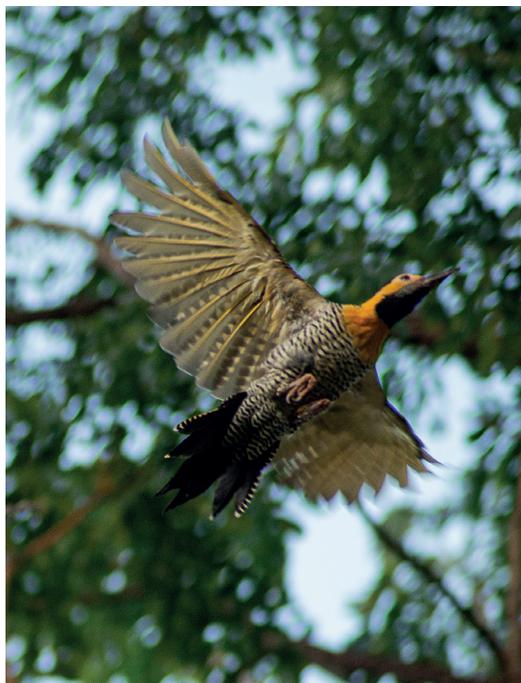
É por isso mesmo que ela se indigna ao falar da redução das políticas brasileiras de preservação ambiental nos últimos anos:

“Temos que seguir denunciando todo retrocesso que foi o governo Bolsonaro para a luta de sobrevivência dos povos da floresta e periferias”, comenta. Para ela, os últimos quatro anos representam uma grande perda no pouco tempo que a humanidade ainda tem na corrida pela sua sobrevivência.

Ainda sim, sabemos que para muitos o trabalho de preservação da natureza não começou agora, para os povos indígenas esse é um movimento que vem acontecendo há gerações e antes mesmo da chegada do colonizador. Por isso, Ramona acredita na urgência da demarcação das terras indígenas, ribeirinhas e quilombolas, para a preservação de suas culturas e modos de vida ligados à conservação do ambiente.

Outro movimento importante que a artista cita é a taxação das grandes empresas do agronegócio e a redução da produção de agrotóxicos em massa, “fortalecendo assim a agricultura familiar e economia solidária nas cidades, periferias e no campo”, diz.

Em 2016, ela participou dos movimentos de ocupações nas escolas e durante as formações políticas sempre sonhou em levar os companheiros de luta para a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas. “Hoje ver vários amigos e parentes como Txai Suruí trazendo nossas narrativas é um marco histórico mundial”, avalia.





FOTOGRAFIA:

Matheus Alves tem 25 anos, é militante do Levante Popular da Juventude e fot-jornalista independente com trabalho focado na Luta Pela Terra, acompanhando as mobilizações dos Povos Indígenas, do Movimento Sem Terra e das organizações do Movimento Negro brasileiro. Em 2019 foi premiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos no concurso fotográfico “Combater os Retrocessos - Existir e Resistir à Retirada de Direitos”.

Conheça mais: @imatheusalves



MATA ATLÂNTICA

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DA MATA ATLÂNTICA?

85%

85% das juventudes da Mata Atlântica afirmam que estamos vivendo uma crise climática e percebem alguns fenômenos na região onde moram: **86%** afirmam que tem acontecido mais mudanças bruscas de temperatura e **81%** sentem aumento da conta de energia.

45%

Os temas ambientais mais importantes para jovens da Mata Atlântica são relacionados a questões urbanas: consumo consciente (**45%**); Poluição da água, ar e solo (**41%**) e Gestão do lixo (**39%**).

67%

Escassez de água (**67%**) e aumento no custo de vida (**54%**) são as maiores preocupações relacionadas com a crise climática.

64%

Os principais motivos para jovens da Mata Atlântica se engajarem em campanhas ambientais são: preocupação com o futuro do planeta (**64%**), saber que o assunto impacta sua vida ou de pessoas próximas (**56%**) e saber que a campanha trata de um tema urgente (**49%**).

IZABELLA ALVES,

HORTOLÂNDIA - SP

BIOMA MATA ATLÂNTICA

ANCESTRALIDADES QUE GUIAM A VIDA E A LUTA AMBIENTAL

“Tudo que eu reencontro e que diz respeito à minha ancestralidade vem direto da Mata Atlântica.”



Izabella Alves tem 19 anos, é de Hortolândia, município do interior de São Paulo onde impera a Mata Atlântica. Mulher preta, Izabella sempre teve a mata em perspectiva no seu contexto de vida, especialmente por ser candomblecista, religião de matriz africana que tem estreita ligação com a fauna e flora brasileiras. Na faculdade, Izabella está cursando Ciências Biológicas na FMU de São Paulo.

No candomblé, ela vivencia a sua ancestralidade através da conexão com a natureza e com os saberes da terra. “Quando viemos pra cá, essa ligação com a natureza ficou mais forte ainda por conta dos povos originários, que são indígenas e permitiram que a religião de matriz africana continuasse no Brasil”, diz.

Izabella tem uma relação de proximidade com o bioma da sua região, ela conta que apesar de ter vivido sempre na zona urbana, ela esteve perto das áreas rurais onde se via maior preservação da natureza e onde ela teve a oportunidade de conhecer muitas plantas e animais que nunca havia visto antes. “Levei isso pra minha vida”, ela conta.

Sua infância foi marcada pelo contato com a natureza, como ela mesmo conta: “Eu subia na árvore e pegava fruta da árvore do vizinho. Brincava de esconde-esconde em cima das árvores, então essa ligação com a natureza sempre foi muito delicada, muito gostosa. Brincava com as flores que davam na árvore, sempre ficava vendo e conhecia elas, via as abelhas perto das flores...”

Mas foi dentro da religião de matriz africana que ela se encantou verdadeiramente pela natureza. “No candomblé o segredo das folhas é representado por um orixá chamado Ossain. Foi nesse meio que eu me aproximei e fui sentindo cada vez mais o contato com a natureza”, ressalta.

Daniela Calvo e Marcelo dos Santos Monteiro apresentam o Candomblé como um culto afro-brasileiro que se desenvolveu no Brasil a partir dos saberes dos povos africanos que foram traficados e escravizados no continente americano, em contato com os povos originários nativos do país. Sendo uma religião que sacraliza a natureza, na cosmovisão do Candomblé, ela é transmissora de vida, portanto, o respeito e a preservação são imprescindíveis para a existência do culto.

“Esse culto à natureza é o mesmo culto à essência, então a gente sempre preservou e tava ali pensando no coletivo maior”, comenta Izabella.

Em 2019 ela se mudou para uma área rural próxima a uma reserva da Mata Atlântica, foi onde começou a se conectar com o processo de cultivo, com a agricultura familiar e com o cuidado com a terra. “E a religião de matriz africana me aplicou mais ainda, porque dentro dela temos que saber o nome das plantas, a função delas, então sempre tive essa ligação medicinal com as plantas, muitas vezes invés de tomar remédio procuramos as plantas”, revela.

A futura bióloga vê com tristeza as mudanças climáticas que vem acontecendo e percebe a afetação no seu entorno. Ela conta que acredita no potencial da Mata Atlântica por ser um bioma diverso e que está lutando para sobreviver, mas se preocupa com as mudanças climáticas acontecendo repentinamente e cada vez mais rápido.

A Mata Atlântica é um dos biomas mais ricos e diversos em espécie, e o quadro é realmente triste: mais de 60% de animais ameaçados de extinção no país se encontram na Mata Atlântica. Lá também estão concentrados serviços fundamentais que sustentam a qualidade de vida de uma grande parte da população brasileira, reunindo 70% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

“Com a faculdade de biologia e também com a religião de matriz africana, eu entendi como estamos perdendo algumas plantas. Plantas essenciais para fins religiosos que não conseguimos mais encontrar. E nós precisamos dos manguezais, dos bambuzais, dessa expressão da natureza que está se perdendo. A gente não tem culto à religião sem a natureza”, alerta.

Um dos maiores vilões é certamente a expansão territorial e o desmatamento desenfreado dessas regiões. “O bioma está sendo muito desmatado por motivos de urbanização, que é a construção de prédios, as áreas verdes estão sendo destruídas, mesmo os pedaços que tinham chácaras de preservação e cuidavam daquele local”, diz.

As regiões que antes eram pouco industrializadas também sofrem com a ideia do crescimento por expansão do território. “Na área rural vemos as matas sendo transformadas em pasto para o gado por grandes empresas do agronegócio, que fazem essa destruição sem se importar com a preservação do solo, nem na questão de renovar, de replantar ou da conservação daquela terra”, completa.

Para Izabella, sua luta atual consiste na preservação do seu bioma, especialmente porque ele representa tudo que ela vive e acredita. “Tudo que eu reencontro e que diz respeito à minha ancestralidade, toda a minha energia espiritual, mental e física vem direto da planta, vem direto da Mata Atlântica. Esse contato com a água, com as cachoeiras, com as matas, as florestas, tudo é muito importante, porque assim eu sinto que estou voltando para a minha ancestralidade, estou voltando para a minha materialidade, pro meu eixo e pra minha casa.”

Ela acredita na importância de entender a ideia de conservação dos biomas brasileiros, e não apenas a questão da preservação. “Pre-

servar você só deixa aquilo ali isolado e sem perigo que outros mexam, mas quando você conserva você induz as pessoas locais a se engajarem e se posicionarem naquilo. Você vê uma área preservada e as pessoas em volta só sabem que ela é preservada e nada além disso. Mas se você se engaja com a conservação você também influencia os moradores a sentirem que eles também são donos desses lugares. Então eles irão cuidar, e irão preservar conservando”, diz.

Uma das ideias que ela propõe para desenvolver a conservação é a criação de feiras de artesanato, eventos locais que promovam a discussão sobre a conservação, desenvolvendo produtos e até mesmo levando os moradores a empreenderem com isso.

Na pandemia, Izabella conta que viu muitas áreas verdes sendo queimadas e destruídas por conta da negligência do governo Bolsonaro, e lamenta os assassinatos de ativistas importantes no cenário ambiental por conta do trabalho de preservação da natureza e dos povos. “Querendo ou não, a política que nos governou não fez questão de preservar. Foi uma política de destruição. E isso afeta quem está perto que são os povos indígenas, os povos originários que foram cada vez mais atacados”, diz.

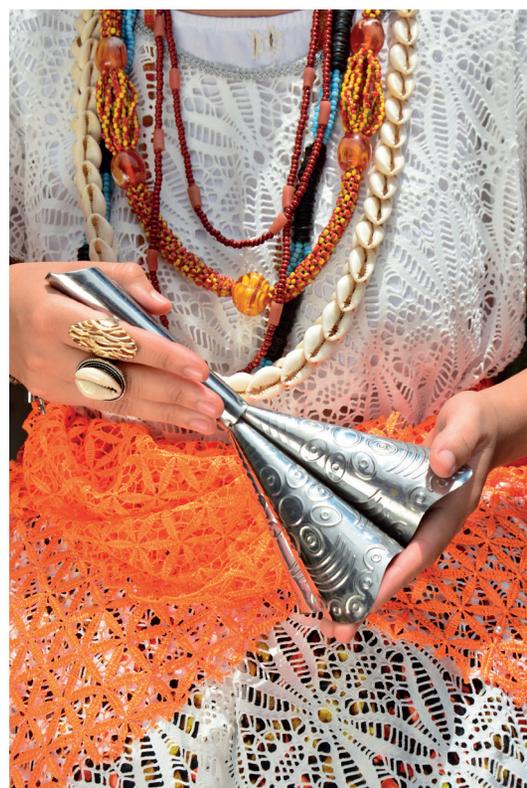
Ela acredita que esses povos estão próximos e estão tentando reduzir os danos ambientais por cuidarem do espaço que habitam, mas que a rejeição e violência contra eles cresceu substancialmente durante o mandato do presidente Bolsonaro.

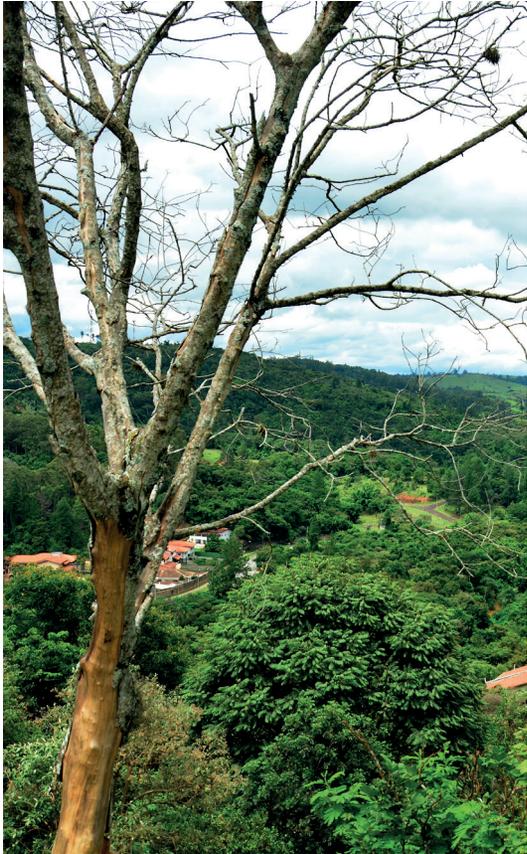
Izabella conta que a discussão sobre as mudanças climáticas estava sempre ali em seu convívio, seja na escola, na religião ou em casa, mas que não tinha noção de tamanha destruição até vê-la de perto.

“A gente está vivendo períodos onde o ca-

lor é extremo, o frio é extremo, as estações estão misturadas. Não conseguimos mais identificar as estações que estamos passando. Como podemos sobreviver a essas mudanças extremas? De manhã está quente e no final do dia extremamente frio, nunca tínhamos vivido isso. Não era para essa região estar assim. Tempestades muito fortes fora de época, ventos intensos, que eram preservados pelos lugares que foram queimados nesse período. O ar está seco, as doenças respiratórias estão se aproveitando disso. Doenças físicas e mentais estão aparecendo e também são afetadas por essas mudanças”, diz.

Izabella anseia que o Brasil retome a política de bem-estar social e de preservação ambiental. “Começamos por lá, dos povos originários, a gente sabe que a nossa biodiversidade é imensa, temos que nos posicionar em todos os sentidos e não deixar nossos biomas para trás”, acrescenta.







FOTOGRAFIA:

Janaina Rodrigues, é fotógrafa jornalística e publicitária com 17 anos de experiência, especializada em retratar religiões e cultura afrodescendente. Participou de exposições e festivais de fotografia em diversas regiões do Brasil. Seu trabalho atual envolve pesquisas sobre auto-representação e ancestralidade na fotografia contemporânea, como estratégia de problematização do feminino.

Conheça mais: @8emeiafotografia

PAMPA

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DO PAMPA?

63%

Juventudes do Pampa observam que a crise climática trouxe alguns efeitos para onde moram: prejuízo nas plantações (**63%**), inverno menos frio e verão mais longo (62%), falta de alimentos frescos (**48%**).

37%

A piora na qualidade da alimentação é uma preocupação para 37% dos jovens do Pampa e **62%** deles deixaram de comprar alimentos por estarem muito caros devido à crise climática.

22%

22% das juventudes consideram a segurança alimentar um dos assuntos ambientais mais importantes na região onde moram.

61%

Se fossem governantes, **19%** indicam como prioridade a valorização de saberes e práticas de produção sustentáveis; e **24%** dizem que as instituições públicas e privadas deveriam criar mecanismos para que jovens participem e influenciem no debate para enfrentar a crise climática.

42%

42% das juventudes do Pampa acham que combate à degradação, as práticas de conservação e recuperação ambiental e o enfrentamento e o enfrentamento à crise climática não vão melhorar nos próximos 10 anos.

CAROLINA OLIVEIRA,

CAÇAPAVA DO SUL -RS

BIOMA PAMPA

A IMPORTÂNCIA DA S OBERANIA DOS BIOMAS, SONHO E RESISTÊNCIA O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO

“O que me move é a luta por um mundo onde todos possam acessar seus direitos e a natureza plenamente.”



Carolina Oliveira Dias tem 22 anos e nasceu em Caçapava do Sul, no Pampa Gaúcho, no estado do Rio Grande do Sul, local que possui uma diversidade enorme de contextos geológicos sem igual no estado.

Coincidência ou não, desde criança Carolina sempre teve interesse por questões sociais e o meio ambiente, o que posteriormente a levou a graduar-se em Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Atualmente licencianda em Letras – Inglês, a jovem ainda trabalha dando aulas de inglês e francês como segundas línguas.

Carolina é articuladora do Grupo de Trabalho de Mudanças Climáticas, da Associação de Jovens Engajamundo há cerca de 3 anos, onde o seu trabalho é focado nas frentes de educação e advocacy. Além da Ação para o Empoderamento Climático, ela demonstra bastante interesse pelo estudo de sistemas alimentares sustentáveis, um tópico que vem pesquisando desde o seu trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso na UNIPAMPA, sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e as políticas públicas no Brasil.

“Eu considero indivisível acessar plenamente os direitos humanos como base para a criação de planos públicos que sejam de fato capazes de causar mudança, porque coloca as pessoas no centro da tomada de decisão”, diz.

Outra frente de articulação para a jovem é o projeto #Eat4Change do WWF Internacional, uma organização não governamental de conservação global, antes conhecida em português como “Fundo Mundial para a Natureza”.

No centro-sul do continente americano, o Pampa é o bioma que predomina. Ocupan-

do uma pequena parte do estado do Rio Grande do Sul, o bioma ocupa uma área que equivale a apenas 2% do território nacional. A cidade de Carolina, Caçapava do Sul, se encontra nessa região de montanhas e serras imponentes. Caçapava, do tupi antigo ka'asababa, que significa "lugar que atravessa a mata" é o lugar que conformou grande parte da percepção de mundo de Carolina.

"No Pampa, a atividade agropecuária é muito significativa, e crescer numa cidade do interior que tem um bom equilíbrio entre rural e urbano, sempre em contato com os animais e com as plantações, além das formações rochosas da região, tudo isso moldou minha relação com a natureza desde criança", comenta. Sua relação com o seu bioma de origem se desenvolveu de maneira intrínseca aos questionamentos que foram surgindo em sua cabeça desde a infância, dentre eles, as questões das desigualdades sociais.

"Eu sempre questioneei coisas como "se existe comida, por que existe fome?", "se tem água, por que a gente não tá transformando ela em potável?", "se existe reciclagem, por que não fazemos todos?" - e ainda hoje essas coisas seguem parecendo sem sentido pra mim, porque a abordagem de colocar o bem estar das pessoas e da natureza no centro sempre me acompanhou" relata.

Hoje, a partir do ponto de vista de sua formação de cientista social, ela entende tecnicamente essas questões, mas segue questionando a falta de equilíbrio entre as pessoas e o meio ambiente. "Acho que a revolução nasce com a gente que não aceita a desigualdade como resposta", completa.

O seu contato maior com essa discussão foi na escola, onde Carolina também teve a chance de aprender bem sobre os biomas e suas particularidades. "Crescendo fui entendendo também a importância de se reco-

nhecer como parte de um bioma para fazer articulações que possam lidar com os problemas locais", diz.

É importante lembrar que o Pampa, mesmo com todas as suas riquezas, é hoje o bioma com a menor área de preservação remanescente no Brasil, chegando a perder, ao ano, cerca de 2,5 vezes a área da capital Porto Alegre. "Os regimes de chuva mudando, as ameaças as plantações, frio e calor extremo fora de época... tudo isso mudou muito desde a minha infância até agora, o que me faz conseguir perceber a falta dessa preservação" recorda Carolina.

A jovem acredita que há muita culpa humana que envolve a falta de preservação da região, e cita a ganância como um dos principais motivos para a não adaptação do território para a crise climática. Ela ainda chama a atenção para a necessidade de transformar a maneira como se conduz o desenvolvimento do Pampa. "No estado, muitas ameaças de mega mineração, energias não sustentáveis, poluição dos corpos d'água, altos números de doenças como câncer e outros problemas de saúde associados ao uso alto de pesticidas... tudo isso afeta a população local, sem mencionar a fragilidade da economia do bioma quando uma praga quando a nuvem de gafanhotos voa sobre o estado e o sistema de plantio é o monocultivo, que é fraco, sem resistência e altamente degradador pro solo", alerta.

Carolina conta ainda que já chegou a ouvir que o Pampa é um bioma morto, que não existe mais, e justamente por isso ela acredita ser necessário reconhecer o Pampa como território de luta e resistência, para promover o caminho em direção a transformação.

"É urgente que o Pampa seja demarcado, protegido, transicionado para um sistema de produção mais alinhado com as necessi-

dades do povo e da natureza, que o Pampa resista e se reerga como um estado que reconhece a crise climática.”

Uma das preocupações da cientista é o tradicionalismo da cultura gaúcha e seu senso de pertencimento, o que pode causar uma certa aversão às mudanças estruturais que o bioma precisa para sobreviver. “As pessoas aqui precisam entender que não tem como preservar a cultura se nosso bioma não se mantiver em pé. Sonho pelo dia que o Pampa vai ser resiliente, forte e preservado”, afirma.

Para Carolina, sua relação com o Pampa moldou a sua forma de enxergar o mundo, e é através dessa lente que ela vem construindo soluções, junto aos amigos e pesquisadores que também sonham com um Brasil onde todos os biomas se mantenham equilibrados e em harmonia.

Ela ainda chama atenção para a falta de educação climática adequada nas escolas, o que pode ter atrasado o seu reconhecimento da importância da biodiversidade ao seu redor, mas afirma que sempre reconheceu essa biodiversidade como parte dela mesma. “A gente precisa entender que a nossa casa é aqui e cuidar disso, porque se não mudarmos urgentemente as atividades econômicas que hoje destroem nossos biomas, não vai sobrar Pampa brasileiro para contar história, e os povos daqui são resistentes e diversos demais para isso”, diz.

Carolina enxerga com tristeza os posicionamentos do Brasil em relação à preservação ambiental no país, sob o governo de Jair Bolsonaro. No entanto, ela tem esperança de ver a agenda de direitos humanos avançando no país atrelada com a preservação de desenvolvimento sustentável da natureza nos próximos anos, sob o novo governo, e ainda afirma: “A gente precisa quebrar com a ideia de que preservar os biomas é equiva-

lente só a proteger vegetação nativa em pé - é isso e muito mais, envolve as pessoas, as cidades, o campo, tudo isso é parte do bioma e precisa ser endereçado para podermos ver daqui alguns anos os biomas soberanos”.

A jovem cientista social já participou da Sessão Técnica dos Corpos Subsidiários da UNFCCC (SBs) em 2021 como observadora e também esteve presente na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2022 (COP27) na Escócia com o time de advocacy da Associação de Jovens do Engajamundo, onde articularam como juventude e sociedade civil organizada, falando com as frentes das tomadas de decisão, pensando ações climáticas mais ambiciosas.

“A gente precisa combater as desigualdades sociais, promover educação climática de qualidade, implementar planos de adaptação e mitigação, resiliência dos biomas, transicionar sistemas agricultáveis para modelos mais sustentáveis como a produção em pequena e média escala, rotação de plantações, cobertura do solo, integração do pasto-lavoura-floresta, demarcar terras indígenas e quilombolas, exigir mais área preservada em áreas agricultáveis, diminuir o uso de pesticidas e banir o uso daqueles mais danosos à saúde. A gente precisa garantir o acesso à água, alimento, trabalho e dignidade... acho que tudo isso reflete que da mesma forma que o problema é multissetorial, a solução também é”, completa.

Carolina Oliveira Dias, que veio do “lugar que atravessa a mata”, hoje atravessa continentes pela preservação e construção de um futuro possível para todos.



FOTOGRAFIA:



Rafael Bittencourt é Head of Design e Partner na Dive, uma consultoria de inovação, além de ser colunista Design Ativista no Mídia Ninja. Tem uma jornada transversal: começando na periferia de Porto Alegre, passando pela sede da ONU em Nova York, onde recebeu um prêmio pelo minidocumentário em realidade virtual, Cipó de Jabuti. Atualmente tangibiliza projetos disruptivos para grandes empresas nacionais, como Sicredi, SUS, Perestroika e Locaweb. Acredita que o Design, orientado para inovação social, pode ser um vetor para criação de futuros mais justos e prósperos.

Conheça mais: @bttncrt.

PANTANAL

QUAIS DADOS FORAM ENCONTRADOS COM AS JUVENTUDES DO PANTANAL?

74%

74% das juventudes do Pantanal concordam que o Meio Ambiente tem relação com a região onde moram e que reservas ambientais ajudam a diminuir os efeitos das mudanças climáticas.

32%

Porém, **32%** acham que as práticas de preservação e conservação ambiental vão piorar em seus municípios nos próximos 10 anos.

59%

59% percebem que, nos últimos 5 anos, rios, açudes, represas e lagos têm enfrentado secas com maior frequência; e **69%** dizem estar ocorrendo mais incêndios florestais onde moram por conta das mudanças climáticas.

34%

34% consideram a promoção de vagas de trabalho na área ambiental como ação prioritária das instituições para ajudar jovens a lidarem com os efeitos da crise climática.

23%

23% dos jovens do Pantanal apontam que a demarcação de terras dos povos tradicionais é um dos temas ambientais mais importantes.

HELENILSON PERSI

CUIABÁ-MT

BIOMA PANTANAL

APRENDENDO COM OS CICLOS E ESPERANÇANDO A MUDANÇA

“A interferência negligente das comunidades no ecossistema pode ser catastrófica para gerações inteiras.”



Helenilson Persi tem 30 anos e é natural de Cuiabá, Mato Grosso. Helenilson chegou a cursar Arquitetura e Urbanismo mas acabou abandonando o curso e se especializando em Comunicação Audiovisual, decidido a investir na sua criatividade através da comunicação. Para ele, “ajudar pessoas e marcas a serem reconhecidas com uma identidade própria em sua relação com o público” é algo tremendamente enriquecedor, um dos motivos para seguir nessa área.

Para Helenilson, a riqueza da biodiversidade brasileira é incomparável com qualquer outro lugar do mundo, de Londres à Suíça. E foi viajando pelo Brasil que ele descobriu as belezas do país.

“Acredito que temos um país esplendoroso com uma política que não corresponde às suas riquezas e grandezas, infelizmente”, diz.

O cuiabano ressalta o apreço que tem pela plasticidade da natureza humana e da ciência. A influência das tecnologias na construção da sociedade é algo que o admira.

Helenilson relembra a sua infância e o quanto se entusiasmava quando os professores apresentavam as características do seu bioma originário.

“Como crescemos cercados pela biodiversidade, ainda hoje, é possível encontrar capivaras em alguns dos parques públicos de Cuiabá.”, complementa.

Para ele, o solo mato-grossense é encantador, com cenários repletos de cachoeiras, largos horizontes, frutas diversas, tudo isso faz parte de uma identidade cultural. Para o comunicador, a sua relação com o seu bioma é algo indescritível, viver e fazer parte dele cotidianamente é uma experiência singular.

Conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), nos quatro primeiros meses de 2022 foram registrados 175 focos de queimadas no Pantanal, superior aos 148 de igual período do ano passado, aumento de 18,2%. Para Helenilson, as notificações das queimadas são um desalento para o povo mato-grossense.

“No Mato Grosso, sofremos muito com as queimadas. Talvez seja o maior desafio na conservação do bioma. Conviver com a natureza é aprender com seus ciclos, e a interferência negligente das comunidades ou das autoridades nesse ecossistema tão rico pode ser catastrófica para gerações inteiras”, acrescenta Helenilson.

A parte mais difícil, segundo ele, é ligar a TV e acompanhar os noticiários que informam sobre as queimadas. Ele acredita fortemente na preservação do bioma para que fauna e flora sigam em equilíbrio e para que todos possam desfrutar dos recursos naturais de maneira mais consciente.

O cuiabano vê a influência da biodiversidade ao seu redor de diversas formas em sua vida. O “calor” e o “verde” fazem parte da sua rotina diária e refletem principalmente em suas emoções, seu humor, sua criatividade e disposição.

Quando questionado sobre as ações necessárias para a preservação dos biomas brasileiros, Helenilson enfatiza a adoção de políticas eficazes de conscientização como uma medida essencial nesse enfrentamento, além do reconhecimento das deficiências presentes no mecanismo da gestão pública. Para ele, se não há consciência do que está sendo feito, não há mudança efetiva de comportamento.

O comunicador acredita que o Brasil precisa, mais do que nunca, se posicionar como

liderança global na questão da preservação ambiental, pois é ele quem abriga a maior floresta verde do planeta Terra, e dona de matérias primas muito cobiçadas pela indústria mundial. Mesmo que na maior parte do tempo, a história que o Brasil inscreveu sobre o meio ambiente tenha sido uma história de exploração, ele aponta que ainda há tempo para um novo caminho.

“No fim, espero que o Brasil cuide das suas verdadeiras riquezas e não negue ajuda mundial para viabilizar projetos que mobilizem as nações em virtude das mudanças climáticas que afetam milhares de famílias e comunidades todos os anos. Quem pode esperar mais do que isto?”, finaliza.





FOTOGRAFIA:

Luiz Cláudio é comunicólogo formado pela Universidade Federal de Mato Grosso, de Cuiabá, Mato Grosso, no bioma Pantanal. Aprecia o audiovisual como forma de expressão dos sentimentos.

Conheça mais: @luizleitefotografia

O QUE APRENDEMOS COM A JUMA?

O PLANETA NÃO
PODE ESPERAR



O QUE APRENDEMOS COM A JUMA?

**O MEIO AMBIENTE É
UM DOS 3 ASSUNTOS
QUE MAIS INTERESSA
ÀS JUVENTUDES**



As questões que eles trazem como mais importantes em seus territórios:

Reciclagem e gestão do lixo é considerado o tema mais importante em todos os biomas.

OUTROS TEMAS:

Amazônia e Pantanal:

Desmatamento/
Queimadas

Cerrado, Caatinga, Pantanal:

Preservação de áreas
verdes nas cidades

Mata Atlântica e Pampa:

Poluição da água, ar
e solo

**97% ACREDITAM
QUE MEIO AMBIENTE
É UM ASSUNTO
DE TODOS.**

44%

Votam em candidatos que defendem a pauta climática, Especialmente na Mata Atlântica.

30%

Compartilham informações sobre mudanças climáticas, Especialmente na Amazônia e Mata Atlântica.



7 EM CADA 10 JOVENS

de periferias ou favelas concordam que a pauta do meio ambiente tem alguma relação com a região onde moram.

8 EM CADA 10 JOVENS

concordam que as mudanças climáticas afetam sua qualidade de vida e que estamos vivendo uma crise climática.



**MAS O CONCEITO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS
ESTÁ DISTANTE DOS MÚLTIPLOS CONTEXTOS DAS
JUVENTUDES BRASILEIRAS.**

ASSOCIAM O TERMO, PRINCIPALMENTE, A:
aumento da temperatura da terra **72%**
derretimentos de geleiras **54%**
aumento do nível do mar **30%**

E muitos termos vinculados à pauta, como Justiça climática, Acordo de Paris e Agenda 2030, são desconhecidos pela maioria, especialmente pelas juventudes negras e de periferias ou favelas.

AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES DAS JUVENTUDES RELACIONADAS À CRISE CLIMÁTICA:



63%

Escassez de água
Ainda mais no Cerrado e na Caatinga



53%

Aumento do custo de vida
Ainda mais na Caatinga e na Mata Atlântica



63%

Piora na qualidade da alimentação
Ainda mais no Cerrado e no Pampa

OS RECEIOS DIANTE DESSES IMPACTOS PROVOCA JOVENS A ESTAREM PESSIMISTAS COM O FUTURO.

Jovens LGBTQIAPN+ são os mais esperançosos quando olham para o futuro.

36%

acreditam que iniciativas para combater a degradação do meio ambiente vão melhorar.

MESMO VENDO A PAUTA AMBIENTAL COMO IMPORTANTE,

4 A CADA 10 JOVENS NÃO SABEM EM QUAL BIOMA VIVEM



O DISTANCIAMENTO SE EXPRESSA PELOS APENAS 25% DE JOVENS QUE DIZEM CONVERSAR COM FREQUÊNCIA SOBRE A TEMÁTICA AMBIENTAL.

Por isso, **ampliar a conexão com a natureza no lugar em que moram** é uma demanda das juventudes.

"A gente precisa entender como que é a natureza de onde a gente vive para que a gente possa lutar, para que ela continue viva, subsista acom a gente."
Jovem do Bioma Mata Atlântica



JOVENS ACREDITAM QUE PESSOAS DIRETAMENTE AFETADAS PELOS EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DEVERIAM ESTAR NOS DEBATES E NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS E SOLUÇÕES.

80%

dizem que comunidades tradicionais, como Indígenas, quilombolas e outras já colaboram para a preservação do meio ambiente.

Essa opinião é ainda maior entre jovens mulheres, LGBTQIAPN+, de territórios ou povos tradicionais, periferias e favelas.

"Para os povos originários o ativismo não é uma escolha, eles já nascem em ativistas, porque eles já precisam defender seus territórios, defender suas vidas, então esse ativismo legítimo, ele nasce justamente dessa necessidade de continuar existindo, o simples ato de lutar pela sobrevivência já é uma forma de ativismo, já é uma forma de resistência."

Jovem morador do Bioma Cerrado

PARA LIDAR COM A CRISE CLIMÁTICA, JOVENS ACREDITAM QUE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS DEVEM PRIORIZAR:

ESPAÇOS DE DEBATE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

53%

Promover debates em escolas e universidades
Ainda mais na Caatinga

EMPREGOS VERDES

33%

Estimular o surgimento de vagas de trabalho na área ambiental

Ainda mais no Cerrado

FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

27%

Investir em programas para formar lideranças na pauta ambiental.
Ainda mais na Amazônia

OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA JOVENS SE ENGAJAREM PESSOALMENTE EM CAMPANHAS COM A TEMÁTICA AMBIENTAL



57%

por preocupação com o futuro do planeta;



52%

por saber que o assunto impacta minha vida ou de pessoas próximas;



45%

por saber que a campanha trata de um tema urgente.

"Eu não posso fazer o ativismo, se eu não entender que eu também faço parte do problema, por mínimo que seja, entendeu?"

Jovem da Mata Atlântica, Grupo de Jovens Pesquisadores

ACESSE A PESQUISA



<https://bit.ly/PesquisaJUMA23>



@toemmovimento
@redeconhecimentosocial
@engajamundo
@institutoayika

PESQUISA JUVENTUDES, MEIO AMBIENTE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

REALIZAÇÃO



PARCERIA



GT DE JUVENTUDES DA REDE
"UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA"